

O modelo do investimento de Rusbult em relacionamentos amorosos hetero e homossexuais

David Rodrigues¹, Diniz Lopes² e João Manuel de Oliveira³

No nosso quotidiano, as interações sociais que estabelecemos com outras pessoas (seja com uma pessoa que acabámos de conhecer ou com um conhecido) podem



fonte: <http://tiny.cc/47oehw>

evoluir para um relacionamento interpessoal⁴. Mais, tais relacionamentos podem aprofundar-se, isto é, evoluir para relações com maior intimidade ou até incluir uma dimensão sexual. Neste último caso falamos, especificamente, de relacionamentos amorosos⁵. De uma forma geral, os

¹ CIS-IUL, ISCTE-IUL.

² CIS-IUL, ISCTE-IUL e Universidade Paris Descartes.

³ CiPsi, Universidade do Minho e Birkbeck Institute for Social Research.

⁴ Ver Glossário para a definição de “relacionamento interpessoal”.

⁵ Ver Glossário para a definição de “relacionamento amoroso”.

relacionamentos amorosos permitem-nos preencher as nossas necessidades de afiliação e de estabelecer relações próximas e íntimas com outras pessoas, como forma de evitar a solidão e/ou a ansiedade social (e.g., Berscheid, 1985; Dwyer, 2000). Porém, pela nossa própria experiência, sabemos que a frequência com que iniciamos este tipo de relacionamentos é baixa, uma vez que é determinada por factores como a vontade e a predisposição pessoal em querer investir num relacionamento (e.g., Finkel, Molden, Johnson, & Eastwick, 2009), ou pela própria experiência de atracção inicial¹ relativamente a outra pessoa (Rodrigues, 2010). Contudo, no desenvolvimento de uma relação há igualmente que ter em conta a disponibilidade e interesse da outra pessoa (e.g., Montoya & Insko, 2008), ou a facilidade em continuar as interacções com a mesma (e.g., encontros repetidos num mesmo espaço físico; Moreland & Beach, 1992). Além disto, são também importantes factores associados à própria interacção, quer ao nível da partilha de aspectos íntimos com a outra pessoa (e.g., Berg & McQuinn, 1986), a existência de interesses mútuos (e.g., Montoya, Horton, & Kirchner, 2008), ou a descoberta de novos interesses em comum (e.g., Aron, Aron, & Norman, 2001). A partir do momento em que duas pessoas se encontram envolvidas num relacionamento amoroso, factores como os ganhos obtidos (e.g., bons momentos passados em conjunto) e os custos exigidos pela própria relação (e.g., obrigação em participar com o/a parceiro/a numa actividade sem interesse pessoal) pesam para o bem-estar e para a felicidade conjunta.

No presente artigo pretendemos expor e analisar os factores que subjazem à decisão de manter ou terminar uma relação com o/a nosso/a parceiro/a. Assim, e partindo da Teoria da Interdependência (Kelley & Thibaut, 1978) e do Modelo do Investimento (Rusbult, 1980, 1983), são aqui expostos e analisados os factores que estão subjacentes ao compromisso e bem-estar percebidos na relação. Analisaremos, adicionalmente, certos factores (e.g., nível de ameaça percebida; Lydon, Meana, Sepinwall,

Richards, & Mayman, 1999) e variáveis pessoais (e.g., nível de compromisso moral; Johnson, Caughlin, & Huston, 1999) que poderão ajudar a uma melhor compreensão da associação entre tais factores e o nível de compromisso percebido na relação.

Preditores do compromisso nas relações amorosas

Como sugerido pela Teoria da Interdependência (Kelley & Thibaut, 1978), qualquer relacionamento interpessoal é baseado na maximização dos ganhos e na minimização dos custos a ele associados. Mais, esta teoria sugere que a diferença entre ganhos e custos, juntamente com as nossas expectativas face à relação, formam um nível de base a partir do qual se realizam comparações com (potenciais) relacionamentos alternativos. Especificamente, quando o saldo entre custos e ganhos é positivo, ou seja, quando se obtêm mais ganhos relativamente aos custos, a comparação com qualquer outra relação alternativa deverá ser negativa e, conseqüentemente, não levantar problemas à continuidade da relação actual (e.g., Estou feliz com a minha relação, não me interessam outras relações). Pelo contrário, quando se obtêm poucos ganhos e se percebem elevados custos na manutenção da relação (sobretudo se a isto se associa uma elevada expectativa relativamente à mesma), existe maior tendência para experimentar estados afectivos negativos, pelo que a comparação com relações alternativas poderá levar ao questionamento da relação actual (e.g., A minha relação é muito desgastante e talvez fosse mais feliz com outra pessoa).

Estes são alguns dos pressupostos que servem de base ao Modelo do Investimento de Rusbult (MIR; 1980, 1983), de acordo com o qual a decisão de manter ou terminar um relacionamento amoroso é determinado pelo nível de compromisso com o/a parceiro/a e com a própria relação, ou seja, pela predisposição de querer

¹ Ver Glossário para a definição de “atracção inicial”.



fonte: <http://tiny.cc/6jrahw>

manter um relacionamento e para se sentir psicologicamente vinculado ao mesmo (ver também Rusbult, Coolsen, Kirchner, & Clarke, 2006). De facto, a importância do compromisso para os relacionamentos amorosos está bem patente em modelos teóricos desenvolvidos para explicar os diferentes tipos de amor que podemos sentir pelo/a nosso/a parceiro/a (ver Berscheid & Walster, 1974, 1978; Hatfield & Walster, 1978; Hendrick & Hendrick, 1986; Lee, 1977; Rubin, 1970; Sternberg, 1986). Concretamente, o MIR pressupõe o compromisso como sendo influenciado pela satisfação, pela qualidade das alternativas e pelo grau de investimentos na relação (referidos como os seus antecedentes; ver Rusbult, et al., 2006). A satisfação refere-se à experiência de sentimentos positivos e de atracção face ao/à parceiro/a e ao relacionamento. As alternativas dizem respeito a todas as situações com as quais nos deparamos e que são, normalmente, externas à

relação (e.g., estar sozinho/a, com amigos/as, com outro/a parceiro/a amoroso/a). Os investimentos correspondem a tudo o que é aplicado no relacionamento, sejam investimentos intrínsecos (e.g., tempo passado em conjunto, partilha de informação íntima) ou investimentos extrínsecos (e.g., bens materiais adquiridos conjuntamente, como por exemplo uma casa). De facto, e de acordo com o MIR, existe maior compromisso quando há maior satisfação com o relacionamento, quando se percebem situações/relações alternativas como tendo menor qualidade e sendo menos interessantes, e quando existe um maior grau de investimentos no relacionamento. À semelhança da Teoria da Interdependência (Kelley & Thibaut, 1978), o MIR pressupõe, então, que uma relação amorosa é estável quando as recompensas são superiores aos custos (levando a um maior compromisso), sendo que o confronto com qualquer outra alternativa não origina dúvidas nem coloca em risco

o relacionamento actual. Pelo contrário, quando os custos são mais elevados face às recompensas obtidas no relacionamento actual, tal situação poderá levar ao questionamento do mesmo. Diferentes estudos têm demonstrado a robustez do MIR na predição do compromisso e da decisão em manter ou terminar um relacionamento amoroso (Le & Agnew, 2003; Rusbult, Martz, & Agnew, 1998), tanto em relações entre pessoas de sexo diferente (casamento, namoro; Rusbult & Buunk, 1993; Rusbult, et al., 2006), como em relações entre pessoas do mesmo sexo (namoro; Kurdeck & Schmitt, 1986; Peplau & Fingerhut, 2007). Recentemente a escala que operacionaliza este modelo foi adaptada e validada no contexto português (Rodrigues & Lopes, no prelo).

Mas nem mesmo as relações amorosas com elevado compromisso são imunes a problemas... De facto, algumas situações podem ser percebidas pelo/a próprio/a como uma eventual ameaça à estabilidade do seu relacionamento, ou seja, por vezes percebemos determinadas alternativas ao nosso relacionamento amoroso como possuindo qualidade. Nestas situações, e devido ao elevado compromisso verificado no relacionamento, o MIR postula que podem ser desencadeados mecanismos que têm por função proteger e manter o relacionamento. Tais mecanismos são entendidos como os consequentes do compromisso e incluem os comportamentos de acomodação à situação, de sacrifício individual em detrimento da situação, de compreensão, de justificação ou perdão, a derrogação de alternativas, ou o recurso a ilusões positivas sobre o/a parceiro/a e o relacionamento (ver Rusbult & Righetti, 2009).

Modelo do investimento de Rusbult: Questões e críticas

Diferentes autores têm levantado algumas críticas a determinados postulados básicos deste modelo. Por um lado, Johnson e colaboradores (1999) desafiam a noção de compromisso do MIR, reforçando a importância da noção de compromisso moral. Este tipo de compromisso refere-se, especificamente, às obrigações morais que podem levar à decisão de manter um relacionamento (e.g., casamento, existência de filhos, religiosidade). Com efeito, a importância deste tipo de compromisso, distinto do compromisso geral pressuposto pelo MIR, assenta no facto de poder levar uma pessoa a decidir manter-se numa relação exclusivamente pelas suas obrigações morais, mesmo na ausência de vontade ou de satisfação. No fundo, o compromisso moral parece ser conceptualizado pelos autores como uma barreira, por si só, ao abandono de um relacionamento amoroso, pelo menos no que toca às relações amorosas heterossexuais. Esta é uma das questões centrais do plano de investigação que estamos presentemente a levar a cabo¹.

Por outro lado, consideramos que não se pode descurar que o impacto do compromisso moral pode fazer-se sentir igualmente em uniões homossexuais (gays/lésbicas), não se restringindo a uniões heterossexuais. De facto, é frequente observar uniões homossexuais que adoptam e integram este tipo de normativos morais (Nogueira & Oliveira, 2010). Para além do mais, neste momento parece ser extremamente relevante estudar em Portugal o impacto deste tipo de compromisso ao nível de relações homossexuais, uma vez que assistimos, recentemente, a profundas alterações no contexto social português em termos do reconhecimento legal da união de facto e do casamento entre pessoas do mesmo sexo (Nogueira & Oliveira, 2010).

¹ Este plano de investigação insere-se no projecto de pós-doutoramento do primeiro autor financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BPD/73528/2010), sob a orientação de Diniz Lopes, João Manuel de Oliveira e Rasyid Bo Sanitioso.

Associada a esta questão, levantamos uma outra que se prende com a análise da importância do compromisso moral neste modelo (principalmente se associado a crenças de natureza religiosa). A este respeito, questionamo-nos se o compromisso moral não caracterizará, sobretudo, relacionamentos regidos por normas heterossexistas e familiares tradicionais (ver Roseneil, 2006). Referimo-nos aqui, em específico, às normas actualmente vigentes na nossa sociedade centradas na monogamia e no sancionamento moral de encontros casuais de carácter sexual com outra(s) pessoa(s). Na realidade, e para aprofundarmos a análise do MIR, questionamos a adequação dos pressupostos deste modelo em relacionamentos amorosos hetero e homossexuais, nos quais são estabelecidas regras específicas em termos da permissividade de encontros sexuais casuais (e.g., Etcheverry & Agnew, 2004). Na

realidade, e havendo consentimento mútuo, a valorização de alternativas concretizada em encontros sexuais com outra(s) pessoas(s) não deverá influenciar negativamente o compromisso face ao relacionamento amoroso actual. Tal parece ser inconsistente com os pressupostos actuais do MIR (cf., Rusbult, et al., 2006). Alargando o nosso espectro de análise, consideramos a possibilidade de pessoas em relacionamentos poliamor (isto é, relacionamentos em que as pessoas têm mais do que um/a parceiro/a amoroso/a) não sentirem um menor compromisso relativamente a cada um dos/as seus múltiplos/as parceiros/as e relacionamentos amorosos.

Outra das dimensões que estudamos presentemente relaciona-se com o comportamento de derrogação de alternativas (ver Rusbult & Righetti, 2009), tido como



fonte: <http://tiny.cc/8hrahw>

um comportamento de protecção da estabilidade do relacionamento amoroso, e habitualmente observado junto de relacionamentos amorosos estáveis e com um elevado nível de compromisso. A derrogação de alternativas caracteriza-se por uma menor atenção conferida a pessoas alternativas à relação actual (Miller, 1997, 2003), reflectindo-se numa menor atracção pelas mesmas (e.g., Rodrigues & Garcia-Marques, 2005) e na percepção de que são física e sexualmente menos atraentes (e.g., Meston & Frohlich, 2003; Simpson, Gangestad, & Lerma, 1991). Mais importante ainda é o facto do comportamento de derrogação ser desencadeado quando pessoas alternativas são percebidas como possíveis ameaças à estabilidade do relacionamento, especialmente quando há um equilíbrio entre o nível de compromisso e a percepção de qualidade da alternativa (Lydon, Fitzsimons, & Naidoo, 2003; Lydon, et al., 1999; Lydon, Menzies-Toman, Burton, & Bell, 2008). De facto, Lydon e colaboradores verificaram que apenas tendemos a adoptar comportamentos de derrogação de alternativas muito atraentes quando expressamos um elevado compromisso na relação amorosa actual (resultando no julgamento da alternativa como sendo menos atraente), caso contrário não percebemos qualquer ameaça à estabilidade da mesma. Quando expressamos um nível de compromisso moderado, derogamos apenas alternativas que são moderadamente atraentes. Neste último caso, a confrontação com uma alternativa muito atraente parece levar a que sucumbamos à situação e percebamos a alternativa como atraente.

Por outro lado, sabemos também que a atractividade de outras pessoas é uma das pistas perceptivas mais imediatas no contexto social (Dion, Berscheid, & Walster, 1972), sendo igualmente muito relevante para comportamentos de procura e selecção de potenciais parceiros de interacção ou relacionamento (e.g., Regan & Berscheid, 1997). Como tal, torna-se relevante analisar em maior detalhe o papel da atractividade e do equilíbrio entre o nível de compromisso e o nível de ameaça percebida no comportamento de derrogação. A esta questão poderá associar-se a variável homossexualidade, respeitante às

atitudes acerca da necessidade de compromisso e de intimidade com outra pessoa previamente a um envolvimento sexual (Simpson & Gangestad, 1991). Deste modo, consideramos que pessoas com uma homossexualidade mais permissiva, i.e., com atitudes favoráveis ao envolvimento sexual com outra(s) pessoa(s), não deverão expressar um menor compromisso na relação com o/a seu/sua parceiro/a quando tal comportamento efectivamente ocorre. Da mesma forma, não deverão exibir mais comportamentos de derrogação face a potenciais alternativas atraentes. Tal poderá convergir com o que ocorre em relacionamentos não regidos por normas sociais monogâmicas. Por outras palavras, estas pessoas não deverão perceber ameaça por parte de potenciais parceiros alternativos, uma vez que estão seguros da sua relação, não sendo, por isso mesmo, o envolvimento sexual casual que define o seu grau de compromisso face ao/a seu/sua parceiro/a. Contudo, este tipo de padrão atitudinal e comportamental deverá ocorrer sobretudo quando ambos/as os/as parceiros/as no relacionamento amoroso (heterossexual ou homossexual) têm posicionamentos atitudinais semelhantes em termos da sua homossexualidade, estabelecendo, em consequência, regras específicas relativamente a sexo casual sem compromisso (e.g., one-night stands), ou mesmo a relacionamentos amorosos com algum compromisso (e.g., poliamor). Neste sentido, quando ambos/as os/as parceiros/as de relacionamento têm uma posição semelhante ao nível do envolvimento com outra(s) pessoa(s), a adopção de tal comportamento não deverá colocar-se como uma transgressão ou interpretado como infidelidade, dado ser aceite e permitido entre ambos/as. Pelo contrário, se tal posição não for partilhada, a transgressão à norma do casal (habitualmente monogâmica) por parte do/a parceiro/a será prejudicial para a percepção de compromisso e para a estabilidade do relacionamento.

Dada a sua importância, o estudo e compreensão dos relacionamentos interpessoais é de extrema relevância. Tal emerge sobretudo quando temos em conside-

ração algumas das mudanças sociais ao nível dos diferentes tipos de relacionamentos que se estabelecem e das normas que lhes subjazem. Um dos aspectos de maior relevância no estudo de relações amorosas prende-se com os factores que levam à tomada de decisão para manter ou abandonar as mesmas, associando-se ao grau de compromisso e influenciando o bem-estar e a felicidade na relação. Tal está na base do Modelo do Investimento de Rusbult, válido tanto para relacionamentos amorosos heterossexuais, como homossexuais. Contudo, emergem na literatura algumas variáveis de carácter relacional e/ou individual que poderão ajudar a especificar a compreensão destes mesmos pressupostos. Entre estas variáveis, encontramos-nos, neste momento, a analisar o impacto da calibração entre a percepção de ameaça colocado por uma potencial alternativa ao relacionamento actual e o nível de compromisso face a esse mesmo relacionamento, a homossexualidade dos indivíduos, ou mesmo a articulação entre o nível de homossexualidade e a adopção de normas sociais monogâmicas ou poligâmicas no decurso da relação amorosa.

Glossário

Relacionamento interpessoal: é definido pela ocorrência de interacções repetidas com a mesma pessoa num espaço de tempo alargado, nas quais os intervenientes se vão tornando interdependentes e se vão influenciando mutuamente nos seus comportamentos (Kelley et al., 1983).

Relacionamento amoroso: pode ser definido como um relacionamento de carácter íntimo em que há a percepção de proximidade, paridade, igualitarismo, equidade e partilha comum de informação pessoal, bem como a presença de interacções de carácter sexual (ver, por exemplo, Berscheid, 1994). De uma forma breve, os relacionamentos amorosos são caracterizados por uma dimensão de

partilha afectiva aliada a uma dimensão sexual (e.g., Moser, 1994).

Atracção inicial: corresponde ao sentimento positivo que podemos sentir quando nos apercebemos pela primeira vez de uma pessoa (ainda) desconhecida. Este tipo de atracção caracteriza-se por ser imediato e baseado numa percepção unilateral (ver Bredow, Cate, & Huston, 2008; Levinger, 1974, 1983; Levinger & Snoek, 1972; Murstein, 1970), a partir da qual pode ser promovido o interesse em interagir e conhecer essa pessoa.

Referências

- Aron, A., Aron, E. N., & Norman, C. (2001). Combating boredom in close relationships by participating together in self-expanding activities. In J. Harvey & A. Wenzel (Eds.), *Close romantic relationship maintenance and enhancement*. NJ: Lawrence Erlbaum.
- Berg, J., & McQuinn, R. (1986). Attraction and exchange in continuing and noncontinuing dating relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 942-952.
- Berscheid, E. (1985). Interpersonal attraction. In G. Lindzey & E. Aronson (Eds.), *Handbook of social psychology* (3rd ed.). NY: Random House.
- Berscheid, E. (1994). Interpersonal relationships. *Annual Review of Psychology*, 45, 79-129.
- Berscheid, E., & Walster, E. (1974). A little bit about love. In T. Huston (Ed.), *Foundations of interpersonal attraction* (pp. 356-381). NY: Academic Press.
- Berscheid, E., & Walster, E. (1978). *Interpersonal attraction* (2nd ed.). MA: Addison-Wesley.

- Bredow, C., Cate, R., & Huston, T. (2008). Have we met before?: A conceptual model of first romantic encounters. In S. Sprecher, A. Wenzel & J. Harvey (Eds.), *Handbook of relationship initiation* (pp. 3-28). NY: Psychology Press.
- Dion, K., Berscheid, E., & Walster, E. (1972). What is beautiful is good. *Journal of Personality and Social Psychology*, 24, 285-290.
- Dwyer, D. (2000). *Interpersonal relationships*. London: Routledge.
- Etcheverry, P. & Agnew, C. (2004). Subjective norms and the prediction of romantic relationship state and fate. *Personal Relationships*, 11, 409-428.
- Finkel, E., Molden, D., Johnson, D., & Eastwick, P. (2009). Regulatory focus and romantic alternatives. In J. Forgas, R. Baumeister, and D. Tice (Eds.), *Self-regulation: Cognitive, affective, and motivational processes* (pp. 319-335). NY: Psychology Press.
- Hatfield, E., & Walster, G. (1978). *A new look at love*. MD: University Press.
- Hendrick, S. & Hendrick, C. (1986) A theory and method of love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 392-402.
- Johnson, M. Caughlin, J., & Huston, T. (1999). The tripartite nature of marital commitment: Personal, moral, and structural reasons to stay married. *Journal of Marriage and the Family*, 61, 160-177.
- Kelley, H., Berscheid, E., Christensen, A., Harvey, J., Huston, T., Levinger, G., et al. (1983). Analyzing close relationships. In H. Kelley, E. Berscheid, A. Christensen, J. Harvey, T. Huston, G. Levinger, E. McClintock, L. Peplau & D. Peterson (Eds.), *Close relationships* (pp. 20-67). NY: W. H. Freeman & Company.
- Kelley, H. & Thibaut, J. (1978) *Interpersonal relations: A theory of interdependence*. NY: Wiley.
- Kurdeck, L. & Schmitt, J. (1986). Relationship quality of partners in heterosexual married, heterosexual cohabiting, and gay and lesbian relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51, 711-720.
- Le, B. & Agnew, C. (2003). Commitment and its theorized determinants: A meta-analysis of the investment model. *Personal Relationships*, 10, 37-57.
- Lee, J. (1977). A typology of styles of loving. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 3, 173-182.
- Levinger, G. (1974). A three-level approach to attraction: Toward an understanding of pair relatedness. In T. Huston (Ed.), *Foundations of interpersonal attraction* (pp. 100-120). NY: Academic Press.
- Levinger, G. (1983). Development and change. In H. Kelley, E. Berscheid, A. Christensen, J. Harvey, T. Huston, G. Levinger, E. McClintock, L. Peplau & D. Peterson (Eds.), *Close relationships* (pp. 315-359). NY: W. H. Freeman & Company.
- Levinger, G., & Snoek, J. (1972). *Attraction in relationship: A new look at interpersonal attraction*. NJ: General Learning Press.
- Lydon, J., Fitzsimons, G., & Naidoo, L. (2003). Devaluation versus enhancement of attractive alternatives: A critical test using the calibration paradigm. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29, 349-359.
- Lydon, J., Meana, M., Sepinwall, D., Richards, N., & Mayman, S. (1999). The commitment calibration hypothesis: When do people devalue attractive alternatives? *Personality and Social Psychology Bulletin*, 25, 152-161.

- Lydon, J., Menzies-Toman, D., Burton, K., & Bell, C. (2008). If-then contingencies and the differential effects of the availability of an attractive alternative on relationship maintenance for men and women. *Journal of Personality and Social Psychology*, 95, 50-65.
- Meston, C., & Frohlich, P. (2003). Love at first fright: Partner salience moderates roller-coaster-induced excitation transfer. *Archives of Sexual Behavior*, 32, 537-544.
- Miller, R. (1997). Inattentive and contented: Relationship commitment and attention to alternatives. *Journal of Personality and Social Psychology*, 73, 758-766.
- Miller, R. (2003). On being admired but overlooked: Reflections on "attention to alternatives" in close relationships. *Psychological Inquiry*, 14, 284-288.
- Montoya, R., Horton, R., & Kirchner, J. (2008). Is actual similarity necessary for attraction? A meta-analysis of actual and perceived similarity. *Journal of Social and Personal Relationships*, 25, 889-922.
- Montoya, R., & Insko, C. A. (2008). Toward a more complete understanding of the reciprocity of liking effect. *European Journal of Social Psychology*, 38, 477-498.
- Moreland, R., & Beach, S. (1992). Exposure effects in the classroom: The development of affinity among students. *Journal of Experimental Social Psychology*, 28, 255-276.
- Moser, G. (1994). *Les relations interpersonnelles*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Murstein, B. (1970). Stimulus-Value-Role: A theory of marital choice. *Journal of Marriage and the Family*, 32, 465-481.
- Nogueira, C. & Oliveira, J.M. (2010) (Eds.). *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*. Lisboa: CIG.
- Peplau, L. & Fingerhut, A. (2007). The close relationships of lesbians and gay men. *Annual Review of Psychology*, 58, 405-424.
- Regan, P., & Berscheid, E. (1997). Gender differences in characteristics desired in a potential sexual and marriage partner. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 9, 25-37.
- Rodrigues, D. (2010). "Só de olhar para ti...": O fenómeno de atracção inicial. Dissertação de Doutoramento em Psicologia Social e Organizacional na especialidade de Psicologia Social. Lisboa: ISCTE-IUL.
- Rodrigues, D. & Garcia-Marques, T. (2005). Marquemos o encontro ao cimo da escada: O papel da activação fisiológica na atracção interpessoal. *Análise Psicológica*, 23, 427-436.
- Rodrigues, D. & Lopes, D. (no prelo). The Investment Model Scale (IMS): Further Studies on Construct Validation and Development of a Shorter Version (IMS-S). *The Journal of General Psychology*.
- Roseneil, S. (2006). Viver e amar para lá da heteronorma: Uma análise quer das relações pessoais no século XXI. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 76, 33-51.
- Rubin, Z. (1970). Measurement of romantic love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 16, 265-273.
- Rusbult, C. (1980). Commitment and satisfaction in romantic associations: A test of the investment model. *Journal of Experimental Social Psychology*, 16, 172-186.

Rusbult, C. (1983). A longitudinal test of the investment model: The development (and deterioration) of satisfaction and commitment in heterosexual involvements. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45, 172-186.

Rusbult, C., & Buunk, B. (1993). Commitment processes in close relationships: An interdependence analysis. *Journal of Social and Personal Relationships*, 10, 175-204.

Rusbult, C., Coolsen, M., Kirchner, J., & Clarke, J. (2006). Commitment. In A. Vangelisti & D. Perlman (Eds.), *The Cambridge handbook of personal relationships* (pp. 615-635). NY: Cambridge.

Rusbult, C., Martz, J., & Agnew, C. (1998). The Investment Model Scale: Measuring commitment level, satisfaction level, quality of alternatives, and investment size. *Personal Relationships*, 5, 357-391.

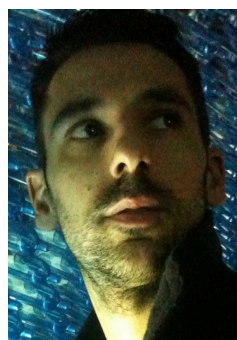
Rusbult, C., & Righetti, F. (2009). Investment model. In H. Reis & S. Sprecher (Eds.), *Encyclopedia of human relationships* (pp. 927-930). CA: Sage.

Simpson, J. & Gangestad, S. (1991). Individual differences in sociosexuality: Evidence for convergent and discriminant validity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60, 870-883.

Simpson, J., Gangestad, S., & Lerma, M. (1990). Perception of physical attractiveness: Mechanisms involved in the maintenance of romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 1192-1201.

Sternberg, R. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93, 119-135.

Autores



David Rodrigues, nascido em Lisboa, em 1981, tirou a sua Licenciatura em Psicologia Social e Organizacional no IS-PA-IU (Lisboa, Portugal) e doutorou-se em Psicologia Social no ISCTE-IUL (Lisboa, Portugal). O seu percurso académico inclui a docência em disciplinas como Relações Interpessoais,

Psicologia Social, Psicologia Social de Grupos e Psicologia da Emoções e da Motivação, no ISCTE-IUL (Lisboa, Portugal), ISPA-IU (Lisboa, Portugal), Universidade de Évora (Évora, Portugal) e no ISMAT (Portimão, Portugal). Actualmente está em pós-Doutoramento financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, dividindo o tempo entre os centros de investigação do ISCTE-IUL, CIS-IUL (Lisboa, Portugal) e da Université Paris Descartes, LPM (Paris, França). Trabalha no campo das relações interpessoais, mais especificamente estudando relações românticas e os factores que influenciam a decisão de manter ou abandonar o parceiro romântico. Está igualmente interessado no estudo da atracção inicial e nos factores que influenciam o interesse de uma pessoa em querer conhecer mais e interagir com outra pessoa desconhecida. **E** davidrodrigues@me.com



Diniz Lopes, obteve o seu Doutoramento em Psicologia Social na Escola de Ciências Sociais, Departamento de Psicologia Social e das Organizações, ISCTE-IUL, Lisboa, onde é Professor Auxiliar. Neste momento, encontra-se a realizar um pós-doutoramento nas Uni-

versidades Paris Ouest Nanterre La Defense, Paris Descartes e Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Os seus actuais interesses de investigação dizem respeito ao estudo dos mecanismos utilizados pelo senso-comum para validar o conhecimento quotidiano, e qual o impacto destes mecanismos em outros fenómenos, tais como a influencia social, o processamento da informação, a persuasão e a dinâmica de grupos. Paralelamente, tem desenvolvido, também, pesquisa no campo das relações interpessoais, nomeadamente sobre os factores que determinam a permanência ou abandono de relações amorosas. Finalmente, os seus interesses de investigação e de publicação compreendem também o domínio da psicometria e da teoria da medida em Psicologia.

E dinizlopes@gmail.com

social feminista e crítica. Tem dedicado a sua reflexão a propostas de teorização feminista queer pós-estruturalista, epistemologias críticas na psicologia social, história da psicologia em Portugal, história do género e à análise dos discursos sociais, nomeadamente discriminação baseada no género e orientação sexual, interrupção voluntária da gravidez, direitos humanos das mulheres e assimetria simbólica de género. Recentemente encontra-se a investigar sobre os modos de representação das normas sexuais e de género nos discursos, no plano da heteronormatividade e homonormatividade e suas repercussões no âmbito da cidadania sexual, saúde, educação e participação política. É doutorado em Psicologia Social pelo ISCTE. Dedicase também à consultoria dramática em dança contemporânea. Tem publicado vários trabalhos em Portugal e no estrangeiro. E joao.m.oliveira@gmail.com



João Manuel de Oliveira, é investigador em pós-doutoramento no Centro de Psicologia da Universidade do Minho e Visiting Fellow do Birkbeck College, Universidade de Londres, com uma bolsa da Fundação para a Ciência e Tecnologia. As suas áreas de investigação são os estudos de género e a

teoria feminista e *queer*, no quadro de uma psicologia